

# A verdade em Nietzsche\*

Guillermo A. Maci

*“Há uma comunidade de homens radicais, que não conheçam o perdão e que se chamem ‘destruidores’, que apliquem a todas as coisas o metro da crítica e se imolem à verdade. Saia à luz a maldade e a falsidade! Não queremos construir prematuramente, não sabemos se poderemos construir, não se será melhor não construir. Há pessimistas covardes, resignados, aos quais não queremos pertencer” (Considerações extemporâneas).*

A verdade não está no céu das idéias, nem nos santuários idolátricos, nem nas ideologias de poder, nem nas cumplicidades dos corruptos políticos, senão na luta nômade que a recupera em qualquer parte, porém sempre no terreno da luta, do risco, contra todas as tergiversações que a desacomodam do perigoso caminho de sustentá-la. *Assim falava Zaratustra uma vez mais.* Assim se repete a vontade de potência de uma afirmação sempre maior que impõe a verdade por seu eterno retorno, idêntico a si mesmo.

\* Tradução de Alberto Marcos Onate.

A verdade não é a adequação ao que fica bem, à imagem que a faz brilhar alienada por todos os prestígios da moralina em uso. A verdade não é o sumo bem dos ideais da enfatuação, nem se mede por sua correspondência com eles. A verdade está *Para além de bem e mal*. Por isso, impele ao homem mais além de seu lugar “natural”, a um lugar que o ponha por cima de suas concessões, sua narcotização pelo gozo vazio do parecer, o que a cada um lhe parecer ser e o que parece que ele é. A verdade é sempre em cada instante, a que corro o risco de viver o perigo de reconhecer e reconhecer-me em seu ser, como o que não renuncia a ser.

A verdade está sempre no conflito de uma posição usurpada pela ativa dissimulação da censura. A verdade é o reverso polêmico e rebelde de toda repressão. A verdade é *pólemos*, luta pelo lugar onde cabe ser o que se é. Por isso é preciso superar o preconceito da cumplicidade com o prestígio da canonização tardia. A verdade vive para o hoje no instante que já é o amanhã do ontem, não para o cálculo mesquinho do futuro.

A verdade atua repetindo a *Umwerthung aller Werte* (transvaloração de todos os valores). A transvaloração não se produz só uma vez, senão que é a repetição, o novo começo, a *Aurora da Gaia Ciência*, do saber da alegria que dança porque arrojou o lastro da dissimulação. Então os alemães, como dizia Nietzsche, deixaram de ter os pés pesados.

Todas as formas de poder conformista, revestidas nas investidas da suástica ou da dama republicana, são a forma ativa do antipoder contra toda afirmação da verdade. Por isso se afirma a *Wille zur Macht* (vontade de potência).

“A ciência é mulher e ama aos guerreiros” (Za/ZA, I, ‘Do ler e do escrever’), dizia Nietzsche. O saber não se iguala à covardia “decorosa” dos intelectuais. O poder da verdade, a verdade como poder afirmativo, vai mais além do bem miserável dos tiranozinhos vesânicos e suas variadas formas de “beneficência”.

A verdade não é a citação de prestígio, senão o risco de pensar o impensável. A verdade não é “doutrina”, senão aposta submetida à prova. A verdade é na oposição que a sustenta e a afirma no aqui e agora de quem se faz cargo do que lhe concerne dela. Não vale no céu hiperbóreo do cosmotheorós, referido por Kant. A verdade é criação, por isso “a arte é mais importante que a verdade”, para que a verdade possa ser tão importante como a criação e coincida com o chegar a ser e não com o mero aparecer das sombras.

Hoje compreendemos que os representantes dos ideais coletivos são os grandes responsáveis das catástrofes sociais. Não é a natureza humana a que nos aniquila, senão seus ideais em benefício de lideranças monopolizantes. Os ideais filisteus de poder impõem seus ídolos que pronto revelam ser fetiches perseguidores. *Assim falava Zarathustra*, uma vez mais.

E qual é o homem de hoje? O homem pós-moderno: um hiperbólico e enfatuado, sem afã algum, dedicado a qualquer coisa, nem sequer a droga, um ressentimento sem ânimo de luta, só disposto à vingança do ressentimento. Em tal sentido, *der Mensch ist etwas das überwinden werden soll* (O homem é algo que tem de ser superado).